



**MOVIMENTO HIP HOP FRENTE À VALORIZAÇÃO DA CULTURA DE JOVENS
NO MUNICÍPIO DE PICOS-PI¹**

**HIP HOP MOVEMENT FACING VALORIZATION OF YOUTH CULTURE IN THE
MUNICIPALITY OF PICOS-PI**

Joyce Iris Batista dos Santos

Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (Faculdade R. Sá)

Laura Raimunda de Jesus

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

O Hip Hop frente à valorização da cultura de jovens no município de Picos (PI) foi a temática analisada nesta pesquisa, onde se tem como objetivo analisar a contribuição do Movimento Hip Hop frente a valorização da cultura de jovens. Uma pesquisa que circundou sob um caráter bibliográfico, além de uma pesquisa de campo, caracterizada como crítico-dialética. Como resultado do estudo, destaca-se uma explanação sobre o perfil do movimento Hip Hop em Picos, sob uma perspectiva dos membros participantes da pesquisa. O problema de pesquisa é: Como tem sido as intervenções das políticas públicas no sentido de contribuir para a disseminação do Hip Hop? Dentre estas, há também outras abordagens que visam contribuir para a compreensão do Movimento Hip Hop enquanto manifestação cultural e artística, onde a partir da leitura pode-se perceber as múltiplas potencialidades do referido Movimento como elemento comunicativo e de representação social.

PALAVRAS-CHAVE: Hip Hop. Adolescentes. Jovens. Cultura. Políticas Públicas.

ABSTRACT Hip Hop in the face of the valorization of youth culture in the municipality of Picos (PI) was the theme analyzed in this research, which aims to analyze the contribution of the Hip Hop Movement to the appreciation of youth culture. A research that circled under a bibliographic character, in addition to a field research, characterized as critical-dialectic. As a result of the study, an explanation about the profile of the Hip Hop movement in Picos is highlighted, from a perspective of the members participating in the research. The research problem is: How have the public policy interventions been to contribute to the spread of Hip Hop? Among these, there are also other approaches that aim to contribute to the understanding of the Hip Hop Movement as a cultural and artistic manifestation, where from the reading one can perceive the multiple potentialities of said Movement as a communicative element and of social representation.

KEYWORDS: Hip Hop. Teens. Young. Culture. Public Policy.

¹ Artigo como requisito de avaliação para o II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas – SINESPP.



1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz uma abordagem sobre o Movimento Hip Hop frente a valorização da cultura de jovens no município de Picos-PI, partindo da concepção de que crianças e jovens experienciam na sociedade atual, sobretudo em um momento em que se vivenciam constantes transformações sociais.

O mesmo ainda tem como objetivo, analisar a contribuição do movimento Hip Hop frente a valorização da cultura de jovens no bairro Parque de Exposição em Picos-PI, reafirmando a inserção destes, frente ao meio social; além de caracterizar a inclusão dos jovens, na perspectiva de uma prática e expressão sociocultural, além de refletir as políticas públicas e ações do Estado para as crianças e jovens picoenses.

O Hip Hop tem suas primeiras representações em Picos nos anos 1990, mais precisamente no ano de 1994, onde o representante do referido Movimento Social tem estado à frente deste movimento atraindo jovens picoenses para a prática do Hip Hop. Os jovens do Parque de Exposição têm contado com a atividade do Hip Hop, sob a perspectiva que vai além do simples ato de expressar a dança, a arte do grafite, mas como uma forma de comunicar tais expressões, descrevendo de forma sutil o desenho que a sociedade atual representa para os mesmos.

Sobretudo no que se refere ao movimento Hip Hop na cidade de Picos, algumas indagações são necessárias, como: Qual é a relevância do Hip Hop no que se refere às dimensões sociais dos jovens picoenses? Existem projetos que já foram ou estão sendo desenvolvidos que contemplam a ampliação da participação dos jovens do Hip Hop como manifestação cultural? Há intervenções políticas que visam contribuir com a disseminação do Hip Hop em Picos? A sociedade picoense tem acatado o Hip Hop frente às dimensões culturais?

O trabalho que se justifica ainda por permitir a análise do movimento Hip Hop frente a valorização da cultura e formação de jovens, sobretudo, negros, inseridos em bairros periféricos, vislumbrando ainda uma forma de introjeção destes no meio social, como seres ativos e participativos.

Dessa forma, para a efetivação da pesquisa, foram realizadas pesquisas bibliográficas em livros, sites, artigos dentre outros, que tratam da temática proposta. Também foram utilizadas para a coleta de dados, a entrevista semiestruturada e o questionário aberto que foram no ato da entrevista, entregue ao responsável pelo grupo praticante do Hip Hop em



Picos, onde é importante ressaltar que, 05 (cinco) jovens participaram da entrevista e responderam aos questionários como forma de subsidiar e confrontar os dados, além de 3 (três) mães como representante familiar. Uma pesquisa de natureza qualitativa e ainda como proposta para discorrer sobre a referida pesquisa, utilizar-se-á do método crítico-dialética.

2 QUESTÃO SOCIAL, JUVENTUDE E O ESTADO: análise sobre as políticas públicas destinadas ao jovem

Ao abordar como tema “questão social, juventude e suas relações familiares” faz-se necessário contextualizar os diversos conceitos que abrangem essas complexas categorias. Nesse sentido, a concepção de juventude é cheia de controvérsias, partindo, pois, do pensamento de Quiroga (2001, p. 72):

[...] não existe um critério comum para conceituar o que seja “juventude”. Cada autor dá ênfase a uma(s) ou outra(s) dimensão(ões) do que configura a sua realidade expressando uma maneira peculiar de entendê-la enquanto expressão real e categoria social. Pode-se dizer que a abordagem das questões juvenis e, conseqüentemente os conceitos daí elaborados são construídos a partir de diferentes angulações.

Revedo, pois a conceituação histórica do que vem a representar a juventude, até a década de 1950 e 1960, era possível encontrar um consenso dialógico de que eram considerados jovens aqueles que não haviam chegado aos 22 anos, ou seja, a maioridade civil adquirida aos 21 anos era um marco da definição do que era juvenil.

Nesse sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990, expressa direitos da população infanto-juvenil brasileira pois afirma o valor intrínseco da criança e do adolescente (BRASIL, 1990).

Segundo Valadão (2013, p. 5) “os jovens contemporâneos vivem uma constante tensão entre a busca de sua emancipação pessoal e subordinação aos ditames da sociedade capitalista”. Ainda em consonância com Valadão (2013, p. 6), “o resultado desse processo é a exacerbação das expressões da questão social e o aprofundamento da pobreza dos jovens brasileiros”.

Compreendendo o conceito chave aqui discutido, que é o Hip Hop, vale ressaltar que este é praticado por jovens de raça negra, advindos de periferias, o que permite aqui discutir do ponto de vista de Silva (2009, p. 261) que afirma:

A juventude negra no Brasil enfrenta um importante conjunto de problemas que vem limitando seu acesso a oportunidades sociais, restringindo o desenvolvimento de suas capacidades e as chances de construção de uma trajetória ascendente. Entre os



inúmeros dados que evidenciam a configuração de menores oportunidades para a juventude negra no país, [...]

De acordo com Aurélio (2001, p. 312), família são pessoas que vivem geralmente na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos, “pessoas do mesmo sangue”. No entanto esse conceito transcende a esse “limitado” conceito, já que atualmente se leva em conta o conceito de gênero, as próprias vivências familiares, sendo que é cada vez mais comum, a separação de casais, onde os filhos passam a conviver apenas com a mãe ou com o pai, outros passam a conviver com os avós maternos ou paternos.

Ainda se tratando de família, e as suas relações com os jovens e adolescentes, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, prevê em seu artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Os aspectos imediatamente acima mencionados, asseguram os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. No entanto, traz-se à tona, o discurso de como as famílias tem se constituído nas suas relações e vivências com os jovens.

Compreendendo Estado como Nação politicamente organizada (Aurélio, 2001, p. 292), sendo este responsável por uma organização, e estrutura social das pessoas que vivem em uma nação, com a missão de oportunizar à estas o mínimo de condições para que estas tenham uma vivência digna, discute-se aqui o que representa o Hip Hop frente à sociedade e os jovens, ressaltando ainda as regradas políticas públicas voltadas para estes, onde são percebidos no aparato de uma sociedade capitalista, capciosos desafios onde Fraga (2002, p. 4) respalda:

Se populacionalmente os jovens são significativamente numerosos, as políticas públicas voltadas para eles não correspondem a sua importância populacional e o quanto demandam os programas e ações visando a melhoria das suas condições de vida. Deveriam ser os jovens alvos privilegiados das políticas sociais dos governos, pois [...] as consequências das rápidas mudanças que possamos nestes últimos ambos os atinge, preferencialmente.

Ainda cabe ressaltar as condições políticas, econômicas, sociais e ideológicas que circunscreve as pessoas que costumam integrar o movimento Hip Hop, percebendo-o como um importante movimento que sustenta expressões artísticas, discussões e debates promovidos entre os próprios integrantes do movimento. Conforme Matsunanga (2008, p.



67); “em um movimento como o Hip Hop abre um campo de possibilidades para os jovens atuarem politicamente no espaço social, vergar sobre si, a seu favor e em prol de sua comunidade”.

As articulações políticas e sociais frente a juventude, sobretudo as de periferias urbanas tem se manifestado de uma forma precária, onde os movimentos atuam por sua vez, buscando se fazerem percebidos frente à sociedade. Por outro lado, em se tratando do jovem da atualidade, bem como das políticas públicas voltadas para estes, pode-se ainda tratar aqui de alguns dos programas voltados para estes como o jovem aprendiz, Lei 10.097/2000, que está assim exposto:

Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por tempo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de 14 (quatorze) e menos de 24 (vinte e quatro) anos inscrito em programa de aprendizagem, formação técnica-profissional metodológica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias para essa formação. (Lei 10.097/2000)

É pertinente que se ressalte que o aprendiz deve manter atualizado o cadastro nas Organizações Não Governamentais – ONG’s que viabilize o acesso deste candidato na falta de atendimento pelo sistema representativo do Estado, o que, de uma certa forma oportuniza o acesso destes em atividades que contribuem para uma prévia profissionalização e qualificação para a atuação no mercado de trabalho.

3 O HIP HOP ENQUANTO EXPRESSÃO CULTURAL: discurso sobre a interação cultural e suas relações de cidadania e inclusão de jovens e adolescentes

Falar do Hip Hop numa perspectiva de valorização da cultura e formação de jovens remete, a busca de uma conceituação, para que se possa adentrar na temática proposta sob pontos de vistas mais concisos, explicitando-os no que diz respeito a percepções diversas.

Nesse sentido, é possível dialogar sobre a prática do Hip Hop, refletindo, pois, as linguagens políticas de cidadania voltadas para a justiça racial e a igualdade. Sendo que Magro (2002, p. 70) ressalta que:

Pode-se considerar as posses do movimento Hip Hop como organização caracterizadas pelo comprometimento com a educação não-formal, pois têm explicitamente o objetivo de reunir adolescentes da periferia para uma ação coletiva voltada para uma conscientização política e de exercício da cidadania, para a aprendizagem de conteúdos que não são abordados com profundidade na escola formal (como por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo brasileiro) e para a produção artística e cultural.



Imprime-se, dessa forma, a convicção de que os conhecimentos e a formação humana nas suas complexidades transitam em “mão dupla”, ao tempo em que se complementam, já que partindo dos vieses vivenciados por crianças e jovens no seu meio social, são pontos norteadores para que se possa transitar pela educação formal, entrelaçando assim um pensamento sobre a formação humana que de fato se constitui a formação cidadã.

De linguagens capciosas, mas merecedoras de um ganho constante de qualidade, o Hap, muitas vezes desapontam e imprimem a figura de heróis, por adolescentes de comunidades carentes, utilizando da dança, da música do grafite da poesia para se comunicar, e, comunicar o anseio do seu povo. Eles compartilham da mesma realidade, sendo que o cantor pode ser considerado como um vencedor por não ter seguido caminhos desvirtuosos.

Por sua vez, o rap é caracterizado por se utilizar uma trilha sonora, e, sobre e a partir dela são criados pelos rappers ritmos e poesias que podem ser simplesmente faladas, recitadas ou cantadas, com letras polêmicas que podem ser improvisada e divulgadas pelo mestre de cerimônia (MC).

O MC conforme Oliveira (2004, p. 65) é também chamado de rimador e ele tem a preocupação de representar a cultura Hip Hop, sendo que com o crescimento do Rap e o afastamento da cultura Hip Hop, o MC passou a denominar o Rapper “aquela pessoa que canta e faz o hap”. É interessante notar que, o MC apresenta a realidade, que nem sempre é associada à energia positiva, pois a realidade muitas vezes é composta de miséria, violência e fome.

As vivências sócio-culturais transcorrem, sobretudo de organizações, de ajustes das múltiplas expressões culturais, e não há como não trazer à tona as políticas sociais que legitimam tal prática que colocaram para a disseminação dos diversos valores das distintas expressões de cultura, de valores, de sentimento identitário.

A sociedade, a cultura são elementos vivos, passam por transformações mediante o tempo e o espaço. Dessa forma, não poderia ser diferente com a prática do Hip Hop, considerado como uma das diferentes expressões culturais existentes no Brasil, já que se trata de um país multicultural.

A busca pela autonomia, práticas e produções independentes no que se refere ao movimento Hip Hop, decorre em grande parte pela presença da indústria cultural, como afirma Herschmann (2000, p. 59): “a presença da indústria cultural, junto ao movimento e um fato que não pode ser negado. Porém esse estilo próprio nem sempre se dobra às necessidades do mercado, pois é constantemente reelaborado pelos consumidores.



Consciente de que a cidadania é um direito de todos, e dessa forma sendo, todos os sujeitos envolvidos em uma formação social têm a liberdade de expressão cultural, de exercer os direitos e deveres inerentes à um cidadão. A abordagem a seguir disserta de maneira a compreender de fato a introjeção da parceria do Hip Hop, no contexto da cidadania. Compreendendo a cidadania como “a condição de cidadão, e sabendo que cidadão é considerado um indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado” (AURÉLIO, 2000. p. 153), trata-se, no entanto, de conceituar a cidadania no entorno das manifestações expressas diante do movimento Hip Hop.

Percebe-se no mundo contemporâneo uma vivência de estranhamento, sobretudo no que diz respeito a juventude advinda das camadas populares da população. Nesse contexto, Stoppa (2005, p. 37) diz que:

A juventude, especialmente a relacionada às camadas populares da população, coloca-se em constante processo de estranhamento com os espaços da grande cidade. As dificuldades e os preconceitos associados a esses públicos específicos afetam as possibilidades de apropriação e de inserção da juventude no espaço urbano, restringindo as oportunidades de lazer e de vivência participativa na cultura local.

Em se tratando do jovem, do adolescente ou qualquer ser humano nas mais diversas faixas etárias, experienciando a “amarga” situação de exclusão, certamente não se pode tomar como uma vivência e prática do pleno exercício da cidadania. E Stoppa (2005, p. 37), ainda complementa, com os seguintes dizeres: “Esses jovens podem por meio do Hip Hop e sem desconsiderar a importância da educação formal, tomar as rédeas do seu próprio processo educativo, contextualizando-o de acordo com suas necessidades, desejos e experiências”.

Há um preconceito recorrente às pessoas que vivem nas periferias, e, de uma forma acentuada, os jovens e adolescentes. Estes são marginalizados, e considerados como símbolo da marginalidade. Nega, no entanto, a potencialidade destes, no que concerne a construção da cidadania. Nesse sentido, o subitem seguinte, transita para o discurso do potencial periférico na construção da cidadania.

Na defesa do bem comum, transcende também a defesa da garantia do pleno exercício da cidadania, abrangendo ainda o bem estar social. E Andrade (1999, p. 89) vem a complementar essa ideia enfatizando a potencialidade do Hip Hop enquanto movimento social:

O Hip Hop sendo um movimento social, permite aos jovens desenvolver uma educação política e, conseqüentemente, o exercício do direito à cidadania. Nunca na história social do país, houve uma mobilização social tão expressiva produzida por jovens negros; esse fato é exclusivamente dos anos 90.



E, é buscando constantemente quebrar o estigma do preconceito para com os “manos” da periferia, que estes sempre levantam a bandeira de luta, resistência, na busca de expressar das diferentes formas que lhes forem oportunas no sentido de defender a sua identidade, o seu espaço e principalmente a dignidade do seu espaço de vivência.

4 A VIVÊNCIA DO HIP HOP ENQUANTO CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA DOS JOVENS DO PARQUE DE EXPOSIÇÃO NO MUNICÍPIO DE PICOS-PI

Após a revisão de literatura, a pesquisa encaminha-se para a análise de dados, onde optou-se pela pesquisa de campo, e o representante do Movimento Hip Hop em Picos, deu a sua contribuição, no sentido de discutir sobre a sua vivência e de alguns jovens que participam do movimento. De acordo com (Sujeito 1), a origem do Hip Hop em Picos se deu por volta do ano de 1994, fazendo uso de outros ritmos os quais nortearam os caminhos rumo ao movimento supracitado.

Na época de 1994, mais ou menos antes, a gente já dançava na cidade, só que era uma espécie de funk. A gente chamava de original funk. Era o Miami Miami o estilo de música, aí a gente começou dançando esse ritmo, mais à frente, alguns anos depois a gente descobre o Hip Hop e começa a produzir em meados de 95, 96 (SUJEITO 1).

Em se tratando das contribuições do Movimento Hip Hop para a valorização dos jovens em Picos-PI, pode se perceber que este se torna uma base de apoio, sobretudo para os jovens advindos de comunidades periféricas, como o próprio (Sujeito 1) destaca na sua fala no decorrer da entrevista, e dos seus relatos no questionário:

No meu caso, eu era órfão de pai e mãe, quando eu conheci o Hip Hop, eu cresci sozinho nessa comunidade no Parque de Exposição, com meus irmãos e tal, o Hip Hop me deu a base política para trabalhar a aceitação de ser órfão, de morar na periferia e de reivindicar por melhorias (SUJEITO 1).

O relato acima, descrito pelo Sujeito 1 reafirma o discurso literário, especialmente as contribuições do Hip Hop, até mesmo como uma forma de superação no que se refere às desestruturas familiares, os estigmas atribuídos aos jovens de comunidades periféricas, como a pouca credibilidade que grande parte da sociedade à estes atribuem, onde estes demonstram que possuem um potencial em larga escala.

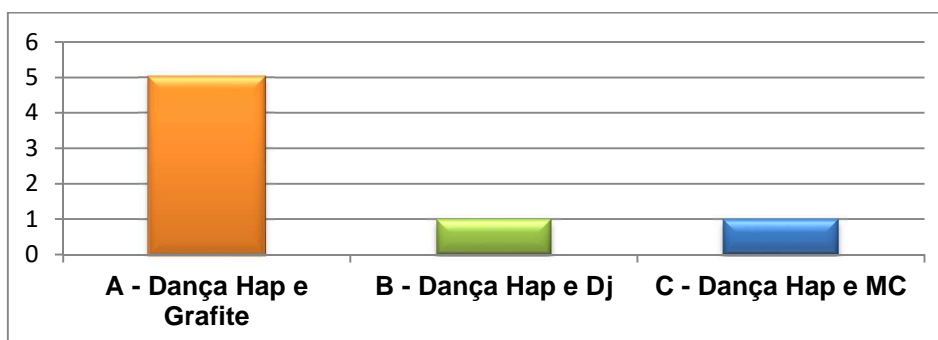
A tomada de decisão para a prática de qualquer atividade, requer um ponto norteador. Dessa forma, surgiu durante o período de pesquisa, o interesse de saber do (Sujeito 1), o que de fato se tornou crucial para a sua inserção dentro do movimento, e ele relata:

O interesse surgiu quando eu sempre descia para o centro da cidade, para treinar com o “pioneiro”, e via os jovens ociosos. Por isso, me despertou o interesse de leva-los para o Hip Hop por meio da comunicação, para interagi-los com as pessoas, fazer parte de um grupo, ter uma identidade, inseri-los na sociedade (SUJEITO 1).

Nota-se mediante o exposto na fala, uma outra característica, que é a disseminação da cultura, o interesse pela partilha daquilo que tem de melhor para contribuir com os jovens, de modo que estes se sintam incluídos no meio social. É o hip hop, despertando a ideia de que um problema, um desalento na história da vida, não deve ser um elemento que leve as pessoas, e aqui se tratando, sobretudo, dos jovens, a se adentrarem por outros caminhos “desvirtuosos” que possam trazer mais problemas para a vida pessoal e para a sociedade.

Para a efetivação da pesquisa, foram também entrevistados 5 jovens participantes do Movimento, onde 3 (três) destes são veteranos, ou seja, participam do movimento há mais de uma década. Estes estão em uma faixa etária entre 26 e 27 anos, sendo que 1 mora no bairro São José, 1 mora no bairro Morada do Sol, mas frequentam o Movimento no Parque de Exposição e 3 moram no próprio bairro Parque de Exposição. São jovens de uma classe social de renda baixa, advindos de bairros periféricos. Para melhor representar a realidade destes 05 (cinco) integrantes utilizou-se um gráfico o qual representa o perfil e participação destes diante do movimento.

Gráfico 1 – Atividades praticadas

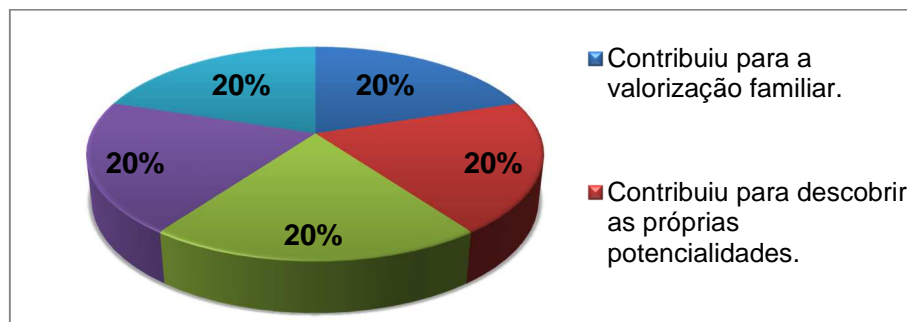


Fonte: Própria do autor, 2016.

Para melhor esclarecer o gráfico acima é interessante destacar que entre os dados correspondem aos cinco respondentes sobre a sua participação no Movimento, observa-se que estes participam de mais de uma atividade, sendo que a dança se destacou, já que todos

participam, e cada um deles faz uma outra atividade paralela. No que se refere às contribuições do Movimento Hip Hop, utilizou o seguinte gráfico, tendo em vista os relatos e observações desses jovens diante da pesquisa.

Gráfico 2 – Contribuições do movimento Hip Hop para os jovens



Fonte: Própria do autor, 2016.

Embora todos os participantes tenham apontado diante das questões destacadas na legenda cada uma delas foi mais enfatizada por cada representante, onde pode-se ainda perceber que várias contribuições foram destacadas pelos respondentes, desde os fatores familiares, as potencialidades de cada um desses jovens, o preenchimento das horas vagas com atividade relevantes para uma vivência cidadã, uma vivência coletiva mais afetuosa, e até mesmo tem contribuído para evitar a evasão escolar, onde a propósito, entre os respondentes os 03 (três) veteranos, ou seja, que participam desde o início, todos possuem o ensino médio, e partiram para o mercado trabalho e os jovens entre 18 e 19 anos cursam em instituições públicas e trabalham como serventes, fazendo “bicos”.

No decorrer da pesquisa, fez-se necessário buscar uma aproximação com a família de alguns dos jovens entrevistados, para melhor analisar a vivência e o perfil dos jovens que tem representado o Hip Hop em Picos.

Primeiramente deve-se respaldar que mediante a pesquisa, observou-se que jovens de outros bairros de Picos os quais são característicos de periferia também participam, como o exemplo do Jovem (5) que mora no bairro Morado do Sol, que é um bairro periférico. São famílias onde as mães entrevistadas estão em uma faixa etária entre 46 à 49 anos, sendo que apenas uma entre três mães entrevistadas possui o Ensino Médio incompleto e diz participar assistindo quando pode, aos eventos do filho. Duas entre as três entrevistadas possuem o Ensino Fundamental incompleto e possuem renda inferior a 2 (dois) salários mínimos. Para melhor esclarecer, os dados coletados na pesquisa foram transcritos no quadro abaixo:



Quadro 1 – Entrevistas com as mães dos participantes do movimento Hip Hop em Picos

PERGUNTAS	RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS
Grau de Parentesco	Mãe
Qual a integração do seu filho diante do Movimento Hip Hop	FAMÍLIA (1): “Bastante ativo. Ele viaja muito para fora, sempre organiza os meninos para ir dançar, ele sempre foi um dos líderes dentre outros”.
Em que o movimento tem contribuído para seu filho?	FAMÍLIA (2): “Eu pelo menos vejo ele envolvido com atividades boas. Ele não está nesse mundo perdido de drogas”.
Você concorda que o movimento Hip Hop pode contribuir para o desenvolvimento do seu filho?	FAMÍLIA (3): “Sim. Ele nem queria estudar antes, era muito rebelde e agora depois do Movimento, luta por coisas melhores, mais é mais compreensivo”.
Como você percebe as políticas públicas desenvolvidas para os jovens?	FALA DE TODAS: “Tem melhorado, mais tem muita coisa ainda pra melhorar”.

Fonte: Própria do autor, 2016.

O quadro demonstra que as famílias não são participantes diretamente das atividades desenvolvidas pelos jovens, mas que estas reconhecem que se sente um tanto aliviada em ver seus filhos envolvidos em atividades benéficas para si e para o bem coletivo da sociedade. Estas também já possuem algum grau de consciência política, advinda das próprias experiências e ideias trocadas pelos próprios jovens no entorno das suas famílias.

5 CONCLUSÃO

Foi possível propor algumas reflexões no que se refere as desigualdades sociais, que refletem em uma injusta divisão de classes sociais, onde muitos jovens são advindos de realidade periférica e buscam ecoar a sua voz frente a sua valorização no meio social. Um elemento serviu de ponto norteador, que foi o Hip Hop, o qual é característico da cultura de pessoas que vivem na periferia, em sua maioria numa realidade de exclusão.

Ao tempo em que se discutiu o perfil jovem e seus conceitos, também se discutiu o Hip Hop como uma possibilidade de comunicação e expressão cultural, além da possibilidade de o Hip Hop contribuir para o processo de inclusão social, desmistificando a ideia de



“cultura superior” e “cultura inferior”, quebrando ainda os tabus existentes no entorno do Hip Hop. A partir da revisão de literatura e da análise dos dados coletados para a concretização da pesquisa, nota-se a imensurável contribuição da pesquisa, já que diante do papel do assistente social frente a sociedade, este tem o papel de um sujeito observador e questionador, no que se refere a forma como se constitui uma sociedade e como esta tem sido assistida.

Além de boas propostas de inclusão, faz-se necessário meios para que estas sejam de fato efetivadas. Os jovens e adolescentes não podem ser despercebidos diante da sociedade. Já se percebe alguns programas sociais voltados para estes, mas ainda são insuficientes. Indubitavelmente está mais do que na hora de a sociedade, e o Estado reconhecer o Hip Hop como uma expressão cultural, uma forma de interação, inclusão, comunicação e reafirmação da identidade de cada sujeito diante da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. N. Movimento Negro Juvenil. In: ANDRADE, E. (org.) **Rep e Educação**. São Paulo: Summus, 1999.

AURÉLIO, A. **Rap é educação**. 1 ed. São Paulo: Selo Negro Edições. Capítulo 6: Hip Hop: movimento negro juvenil. 2001, p. 83 – 91

BRASIL, Consolidação das Leis Trabalhistas. **Decreto Lei nº 5.452 de 1º de Maio de 1943**. Brasília-DF. Capítulo 4. Seção IV. 1943. Disponível em: <http://www.soleis.com.br/ebooks>. Acesso em 08.Out.2015.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 7 ed. – Brasília. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009. 184p.

FRAGA, P. C. P. **Periferia e experiência social**. Ano 3 – nº 9. Maio de 2008.

MAGRO, V. M. de M. Adolescente como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop. **Cad.Cedex-Campinas**, v. 22, n. 57, agosto 2002, p. 63-75.

MATSUNANGA, P. S. **As representações sociais da mulher no movimento Hip Hop**. *Psicologia & Sociedade*; 20CD; p. 108-116, 2008.

OLIVEIRA, P. D. L. de. Para além do Hip Hop: juventude, cidadania e movimento social. **Motrivivência**, Ano XVI, nº 23, p. 68 – 80. Dez/2004.

QUIROGA, C. **Trabalho e formação da identidade juvenil**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorado em Serviço Social, 2001.

SILVA, E. R. A. da. **A política Nacional de Juventude: avanços e dificuldades**. Ipea, 2009.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



STOPPA, E. A. **Tá ligado mano:** o Hip Hop como lazer e busca da cidadania. Campinas-SP [SN], 2005.

VALADÃO, C. C. **Juventude e questão social.** Jornada Internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Espírito Santo. 20 a 23 de agosto de 2013.